

VIVÊNCIAS E DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NA SERRA GAÚCHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Samile Franceschini Scomazzon ¹

Jerri Adriani Ribeiro Noronha ²

Henri Luiz Fuchs ³

RESUMO

O presente trabalho relata uma experiência vivida no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no curso de Pedagogia do IFRS Bento Gonçalves, no qual as bolsistas participam do projeto desenvolvido em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental em escola pública municipal. O objetivo deste texto é refletir sobre os desafios encontrados no processo de ensino-aprendizagem, com ênfase nas dificuldades de leitura, escrita, na concentração e atenção durante as atividades. O referencial teórico está fundamentado em Soares (2013), Paulo Freire (1989), e Lev Vygotsky (1998). Vygotsky, em seus estudos, relacionou o aprendizado escolar ao desenvolvimento mental das crianças, com a finalidade de explicar a inter-relação entre conceitos científicos e os cotidianos. A metodologia tem por base uma pesquisa qualitativa, descritiva, relato de experiência, conforme Minayo (2013). As observações realizadas na turma apontaram para uma realidade na qual, dos quatro alunos acompanhados, dois avançaram do nível silábico com valor sonoro para o silábico-alfabético, uma aluna permaneceu no nível silábico com valor sonoro, e outro aluno se manteve no nível silábico-alfabético. Muitos alunos ainda se encontram em processo de construção de habilidades básicas, como o traçado correto das letras na escrita e na leitura, estão progredindo cada vez mais. Para contribuir na aprendizagem, foram propostas atividades como separação das sílabas, formar palavras através de sílabas soltas e acompanhada de imagens e leituras direcionadas, com apoio individualizado e incentivo constante, promovendo a segurança e a autonomia dos estudantes. Concluímos que a alfabetização requer um acompanhamento pedagógico atento, escuta ativa, engajamento profissional e atividades atrativas para que os alunos superem as dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização, PIBID, Ensino Fundamental, Dificuldades de Aprendizagem, Formação docente.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves – RS, bolsista do PIBID Alfabetização do curso de Pedagogia do IFRS Bento Gonçalves, samile.scomazzon@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves – RS, bolsista do PIBID Alfabetização do curso de Pedagogia do IFRS Bento Gonçalves, ribeirojerri7@gmail.com;

³ Doutor em Educação. Docente no curso de Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves – RS, Professor Orientador do PIBID Alfabetização do curso de Pedagogia do IFRS Bento Gonçalves, henri.fuchs@bento.ifrs.edu.br.





Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência pedagógica vivenciada por duas bolsistas do PIBID em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. A proposta surge da necessidade de refletir sobre os desafios enfrentados pelos alunos no processo de aprendizagem. Compreender essas dificuldades é fundamental para a construção de práticas mais acolhedoras e eficazes, que respeitem o tempo e o ritmo de cada criança.

A alfabetização não deve ser compreendida apenas como a decodificação de letras e sílabas, mas como um processo criativo e significativo, que coloca o educando como sujeito ativo na aprendizagem. Segundo Paulo Freire, “enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito” (Freire, 1989, p. 13). Essa afirmação revela que alfabetizar vai além do simples ensino mecânico: trata-se de uma prática que possibilita ao aluno compreender o mundo ao seu redor por meio da leitura e da escrita. Ao afirmar que a alfabetização é um ato de conhecimento, Freire compreende que alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever, mas ajudar o aluno a compreender o mundo, a refletir sobre a realidade. Já como ato criador, significa que o aluno constrói sentido a partir da sua vivência e criatividade. O aluno participa ativamente da criação do seu próprio conhecimento, não apenas reproduzindo o que o professor diz. O alfabetizando é considerado sujeito porque o aluno não é um ser passivo, que só recebe informações. Ele é protagonista do processo de aprender, alguém com vivências, pensamentos e voz. O papel do educador é mediar, estimular, e não “depositar” conhecimento pronto para o aluno.

Isso significa reconhecer que o aprendiz não é um recipiente vazio a ser preenchido, mas um ser em formação, com vivências e saberes prévios. Embora Freire tenha desenvolvido seu método para jovens e adultos, seus princípios podem ser adaptados para a alfabetização de crianças, especialmente ao considerar a importância da escuta, da participação e do respeito ao tempo de cada aluno. Essa visão amplia o olhar sobre o ensino da leitura e da escrita, afastando-se de práticas mecanizadas como ele cita “[...] para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu” (Freire, 1989, p. 13). Ele critica métodos de alfabetização baseados apenas na repetição mecânica de sílabas, sem significado real para o aluno. Para ele, o mais importante é valorizar a construção do conhecimento a partir da experiência vivida pelo aluno, tornando o processo de alfabetização um ato consciente, reflexivo e significativo (Freire, 1989).

No processo de alfabetização, Paulo Freire defende uma concepção de alfabetização que valoriza a participação ativa do educando na construção do próprio conhecimento. Ele afirma que “a alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um





momento de sua tarefa criadora” (Freire, 1989, p. 13). Ele nos lembra que a escrita deve partir do aluno, de sua experiência. O educador atua como mediador, mas é o próprio alfabetizando quem precisa assumir seu papel como sujeito criador e não como mero receptor de informações.

Segundo dados sobre alfabetização divulgados pelo Ministério da Educação (MEC), em 2024, 59,2% das crianças das redes públicas de ensino no Brasil foram alfabetizadas na idade certa. O índice representa um crescimento de 3,2 pontos percentuais em relação ao ano anterior, que registrava 56% (MEC, 2025).

De acordo com o ministro da Educação, Camilo Santana, “se o Rio Grande do Sul tivesse mantido o mesmo percentual de 2023, nós teríamos chegado à meta de 60,2% em 2024. Infelizmente, o Rio Grande do Sul caiu absurdamente, e não tenho dúvida de que isso foi fruto dessa situação atípica de calamidade no estado, que o afetou fortemente” (MEC, 2025).

Essa redução foi atribuída à situação de calamidade vivida pelo estado em 2024, decorrente de uma tragédia climática que impactou profundamente a educação e o processo de alfabetização dos estudantes.

A enchente que aconteceu no Rio Grande do Sul em 2024 atrapalhou muito o ano letivo de várias escolas. Muitas delas não puderam funcionar por causa dos estragos e da falta de recursos para voltar com segurança. Em algumas, as aulas foram suspensas por bastante tempo. Além disso, muitos alunos perderam seus materiais escolares e até suas casas, o que deixou tudo ainda mais difícil. Essa situação acabou afetando muito o aprendizado das crianças, principalmente no momento da alfabetização, que precisa de continuidade e atenção diária para acontecer de forma eficiente.

Além dos efeitos da enchente, conforme destacado pelo canal da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (2025), a baixa nos índices de alfabetização é um problema multifatorial, que ocorreu por diferentes motivos. Um deles está relacionado à formação continuada dos professores, que se mostra fragilizada no contexto brasileiro, já que, a cada dez docentes, seis são formados por meio da educação a distância, fator que influencia diretamente nesses resultados.

Desafios na aprendizagem

Com base nas experiências vivenciadas em uma escola municipal de Ensino Fundamental, constatamos que muitos alunos enfrentam diversos desafios relacionados às



dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar. Essas dificuldades envolvem aspectos como

a atenção, a concentração, a leitura, a escrita, a coordenação motora e a compreensão das propostas pedagógicas.

Esse cenário também sofre impactos de escolhas políticas, sociais e econômicas. A pandemia, por exemplo, deixou marcas profundas, assim como as dificuldades causadas pelas enchentes, que resultaram em longos períodos sem aulas presenciais, comprometendo o processo de aprendizagem. Além disso, há uma realidade social em que grande parte das famílias possui baixa escolaridade, muitas vezes não concluíram o ensino médio, o que também interfere na alfabetização das crianças. É importante lembrar que a alfabetização não acontece apenas na escola, o envolvimento da família é essencial para o avanço dos alunos.

Entender o processo de aprendizagem é perceber que a criança já chega à escola com experiências e conhecimentos que trouxe de casa e do convívio social. Essas vivências ajudam a formar a base para os novos aprendizados que ela vai construir na escola. Por isso, é importante lembrar que a educação não começa apenas no espaço escolar, mas se apoia no que a criança já viveu. Como diz Vygotsky, “[...] tomemos como ponto de partida o fato de que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história [...]” (2010, p. 109). Nesse sentido, como destaca Magda Soares (2020, p. 51), “A criança vive, assim, desde muito pequena, antes mesmo de sua entrada na escola, um processo de construção do conceito de escrita, por meio de experiências com a língua escrita nos contextos sociocultural e familiar”.

A aprendizagem e o desenvolvimento não começam na idade escolar, mas estão presentes desde os primeiros dias de vida da criança. Como Vygotsky afirma, “aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, portanto, mas estão ligados entre si desde os primeiros dias de vida da criança” (2010, p. 110). Isso significa que, desde cedo, ambos caminham juntos, e a escola tem o papel de dar continuidade e aprofundar um processo que já está em andamento.

Para planejar ações eficazes de alfabetização, é fundamental compreender em que nível de escrita cada criança se encontra. A avaliação desse estágio permite ao professor identificar dificuldades e potencialidades, definindo estratégias pedagógicas adequadas para promover o avanço no processo de aprendizagem. Como destaca Soares (2020, p. 57), “[...] a





partir desse diagnóstico, podem ser definidos procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, a avançar de um nível ao seguinte [...]”.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental são decisivos na construção do processo de aprendizagem das crianças. É nesse período que se desenvolvem competências fundamentais, como a leitura, a escrita, o raciocínio lógico e a convivência social. Além de aprender os conteúdos, as crianças também desenvolvem a autonomia e descobrem novas maneiras de entender o mundo ao seu redor. Mas esse processo pode variar de uma criança para outra, já que fatores como a família, as condições sociais, as emoções e até o jeito como a escola organiza as aulas podem influenciar no aprendizado. Por isso, é importante que os professores planejem bem as atividades, que a família acompanhe de perto e que a escola ofereça um espaço acolhedor e com boas condições, para que todas as crianças possam se desenvolver e aprender de forma significativa.

As dificuldades de aprendizagem são um desafio comum no ambiente escolar e podem surgir por diversos motivos, pois cada criança carrega consigo uma história única.

Segundo Osti (2012):

As dificuldades de aprendizagem abrangem vários fatores, uma vez que envolvem a complexidade do ser humano. Acredita-se que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de alimentação, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como TDAH (transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar (OSTI, 2012, p. 47).

As emoções exercem um papel fundamental no processo de aprendizagem das crianças. Quando um aluno enfrenta situações difíceis em casa, como conflitos familiares, fome ou falta de cuidado, é comum que ele experimente sentimentos de tristeza, ansiedade ou desmotivação, o que dificulta a concentração e a participação nas atividades escolares. Esses aspectos emocionais impactam diretamente o seu aprendizado. Tudo isso mostra como é essencial que a escola olhe para o aluno de forma ampla e sensível, entendendo que o aprendizado depende não apenas de conteúdos, mas também do bem-estar físico e emocional da criança. Nesse sentido, a escola deve se constituir como um espaço seguro e acolhedor,





onde cada criança se sinta valorizada, amparada e motivada a explorar seu potencial. Como afirma o autor Henri Wallon (2018), aprender não depende só da cabeça, mas também do que a criança sente.

Cada aluno possui um ritmo de desenvolvimento próprio, e experiências de vida distintas podem influenciar diretamente seu aprendizado. Reconhecer essas dificuldades é fundamental para que educadores, famílias e especialistas possam trabalhar juntos, oferecendo apoio individualizado, estratégias adequadas e um ambiente acolhedor que favoreça o progresso e a confiança da criança em suas capacidades.

É fundamental que o aluno consiga perceber sentido e relevância no que está aprendendo, pois essa percepção é o que sustenta sua motivação e interesse pelas atividades escolares. Quando a criança entende a importância do que estuda e como isso se relaciona com sua vida ou com suas experiências, ela se envolve de forma mais ativa e significativa no processo de aprendizagem. Por outro lado, se o aluno não consegue estabelecer essa conexão, ele tende a apresentar desinteresse, dificuldade de concentração e até mesmo resistência em participar das aulas.

Um dos maiores desafios é a alfabetização, onde algumas crianças chegam ao 2º ou 3º ano sem conseguir ler e escrever com autonomia, o que afeta diretamente a aprendizagem. Essa dificuldade pode estar relacionada a métodos pouco eficazes, falta de acompanhamento individualizado ou ausência de estímulo na primeira infância, outro ponto crítico é a defasagem na alfabetização, quando o aluno não compreende um conteúdo básico, ele tende a acumular dificuldades ao longo dos anos seguintes. Diante disso, torna-se necessário oferecer um atendimento mais individual para esse aluno, com aulas de reforço e com o apoio de professores especializados sempre que possível, garantindo que cada criança receba os recursos e a atenção necessários para superar essas dificuldades.

Outro desafio presente nas salas de aula é a inclusão de alunos com diferentes necessidades. Embora a diversidade seja enriquecedora, ela pode exigir maior atenção da professora, e sem os recursos adequados, isso pode desviar o foco das atividades e do conteúdo que está sendo ensinado, dificultando o aprendizado de todos.

Muitas escolas ainda não contam com estrutura adequada, materiais adaptados ou profissionais de apoio qualificados para garantir o direito à aprendizagem de todos. É necessário investir em adaptações curriculares e promoção da cultura do respeito às diferenças.

Diante de todos esses pontos, é evidente que os desafios da aprendizagem não se resolvem com soluções isoladas. É necessário um trabalho coletivo, interdisciplinar e





colaborativo entre escola, família, comunidade e poder público, sempre colocando o aluno no centro do processo educativo. Só assim será possível garantir uma aprendizagem significativa, justa e transformadora para todas as crianças.

Uma forma de melhorar a aprendizagem nos anos iniciais é se perguntar: o que pode ser feito para que as crianças aprendam melhor? As crianças precisam de acolhimento, pois um aluno que se sente amado, respeitado e valorizado aprende melhor. O professor desempenha um papel fundamental nesse processo ao ouvir, dar atenção, elogiar os avanços e criar um ambiente calmo, seguro e apresentar conteúdos significativos, que tenham sentido para a vida e experiências das crianças. Além disso, o brincar também é uma forma de aprender atividades lúdicas como jogos pedagógicos, dramatizações e atividades artísticas desenvolvem muitas habilidades cognitivas, sociais e emocionais.

Os professores, por sua vez, devem estar em constante aprendizado. A escola pode organizar encontros para estudar temas como alfabetização, inclusão, transtornos de aprendizagem e tecnologias. Dessa forma, podem compartilhar as dificuldades, buscar soluções e planejar ações em conjunto fortalecendo o trabalho de todos. Além disso, é essencial que o poder público invista em infraestrutura, materiais didáticos e espaços adequados. Com escolas bem cuidadas e equipadas, as crianças se sentem mais motivadas, seguras e engajadas, criando condições favoráveis para um aprendizado significativo.

Tudo isso nos mostra a importância de um trabalho bem planejado em sala de aula, no qual todos atuem de forma coletiva. Com atenção às necessidades de cada criança, elas podem ter um bom desenvolvimento de aprendizagem, aprendendo de forma mais significativa

A Experiência com os alunos

Durante nossa vivência como pibidianas - Alfabetização, na turma do 2º ano do Ensino Fundamental em escola pública do Rio Grande do Sul, podemos acompanhar de perto os desafios e avanços dos alunos no processo de aprendizagem da leitura e escrita e observamos mais atentamente os desafios enfrentados pelos alunos em seu processo de ensino e aprendizagem. Essas dificuldades se manifestam de diferentes maneiras e envolvem tanto aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais.

Uma das dificuldades mais recorrentes está relacionada à atenção e concentração. Muitos alunos se distraem com facilidade, demonstram inquietação e dificuldade em manter o foco por tempo prolongado. Isso impacta diretamente no rendimento nas atividades propostas, especialmente nas que exigem mais tempo e raciocínio. Por exemplo, algumas vezes ocorreu





mesmo após as orientações individuais, muitos apresentam dificuldade em retomar o foco. Em situações que percebermos que o aluno está com dificuldade, nos aproximamos para orientar e dar suporte. No entanto, quando retornamos ao mesmo aluno algum tempo depois, ele ainda está no mesmo ponto onde havia parado anteriormente, mais uma vez, sendo necessário intervir constantemente para retomar a proposta. Essa dificuldade de concentração também contribui para a lentidão na realização das tarefas.

Outro aspecto observado é quando se trata da escrita em letra cursiva. Alguns alunos ainda não dominam bem o traçado das letras, frequentemente, escrevem as letras de forma desproporcional, ocupando toda a linha e ultrapassando os limites definidos. Um exemplo é a escrita da letra “a” em minúscula, que muitas vezes é feita em tamanho grande, alcançando até a linha de cima, sem respeitar as linhas de referência. Além disso, foi notada uma certa resistência ao uso da letra cursiva por parte de uma aluna em específico, que demonstrou dificuldade e pouca familiaridade com esse tipo de escrita. Diante dessas observações decidimos, em uma de nossas idas à escola, propor uma atividade específica com o objetivo de promover maior familiarização dos alunos com a letra cursiva. Na atividade 1, os alunos receberam uma folha impressa com o alfabeto e deveriam escrever todas as letras em letra maiúscula cursiva. Na atividade 2, a proposta foi escrever todas as letras do alfabeto em letra minúscula cursiva, também seguindo o modelo impresso.

Foi evidente que os alunos ainda se encontram em processo de construção da escrita cursiva, sempre oferecemos assistência e incentivo para que os alunos não desistissem, mesmo quando foi necessário apagar e pedir que refizessem a atividade diversas vezes, o que exigiu de nós paciência, atenção e persistência. No entanto, mesmo diante desses desafios, buscamos sempre oferecer auxílio constante e palavras de encorajamento, reforçando a importância de tentar, errar e tentar novamente. Como Vygotsky (2007, p. 98) afirma, “[...] aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”.

Uma das experiências que mais chamaram a atenção foi uma atividade proposta por nós, bolsistas do PIBID, que envolvia o trabalho com sílabas. Na primeira parte da atividade, cada aluno recebeu sílabas soltas e teve o desafio de formar palavras a partir dessas combinações. Já na segunda parte, os alunos se depararam com imagens acompanhadas de espaços em branco, nos quais deveriam completar com as sílabas corretas para formar a palavra correspondente à figura. Foi bastante visível a diferença de desempenho entre as duas propostas. A atividade em que os alunos precisavam apenas completar com as sílabas ao lado da imagem foi realizada com mais facilidade. Houve um desempenho melhor, pois o apoio





visual ajudava na associação entre imagem e a sílaba. Isso indica a importância dos apoios visuais para os alunos que ainda estão em fase de desenvolvimento da leitura e escrita. No entanto, na tarefa de formar palavras com sílabas soltas, surgiram maiores dificuldades. Muitos demonstraram insegurança e certa confusão ao tentar organizar as sílabas para formar as palavras. Essa atividade se tornou mais desafiadora para boa parte dos alunos.

Em outra atividade proposta, com o objetivo de estimular a leitura e ajudar os alunos a se familiarizar, entregamos fichas de leitura com textos curtos, de aproximadamente quatro linhas, para os quatro alunos que apresentavam mais dificuldades. O objetivo era proporcionar uma leitura mais acessível e menos cansativa, favorecendo o interesse e a participação deles. Após a leitura, houve um jogo em que eles tiveram a tarefa de identificar a imagem que corresponde à frase (trecho) do texto lido. Todo o material foi plastificado e as fichas coladas em papel colorido. Nesta atividade, os alunos foram orientados a formar um círculo no chão, onde cada um recebeu um texto individual para leitura. Cada aluno leu no seu ritmo e do seu jeito, demonstrando esforço e interesse na atividade. Durante a leitura, observamos algumas dificuldades na pronúncia de palavras simples, como: ela, eles, é, irmão, uma e um, entre outras, além de palavras, como: trouxe, lanche, cinza, brincar, brincam, biscoito e brilha. Ao longo da atividade, fomos auxiliando sempre que necessário, incentivando a leitura com paciência e reforçando a pronúncia correta das palavras. Quando os alunos receberam a tarefa de encontrar, entre diversas opções, a imagem e o trecho que correspondiam ao texto que haviam lido, eles foram relacionando as imagens e os trechos corretamente. A cada acerto ficavam felizes e entusiasmados, precisando de auxílio apenas para pronunciar as palavras acima, exercitaram tanto a leitura quanto a interpretação de forma lúdica e participativa.

Magda Soares (2020) sugere que, para acompanhar o desenvolvimento das crianças na construção do conceito de escrita, elas sejam incentivadas a escrever palavras de uso comum, como “boneca”, “gato” e “pirulito”, apresentadas oralmente ou em desenhos, mesmo que ainda não saibam escrevê-las corretamente, escrevendo “como acham que é”. Assim, relacionamos com a prática observada em sala de aula durante nossas visitas como pibidianas, a professora segue essa mesma lógica: entrega uma folha diagnóstica com imagens numeradas e os números correspondentes para que as crianças escrevam o nome de cada figura, permitindo avaliar seu conhecimento prévio e seu nível de compreensão da escrita.

Nesses últimos meses, convivendo diariamente com os alunos, podemos observar avanços significativos em relação às aprendizagens, especialmente em atividades que antes apresentavam maiores dificuldades. Por exemplo, alunos que inicialmente precisavam de ajuda constante para formar palavras a partir de sílabas soltas passaram a realizá-las com





menos intervenções. Os que antes precisavam de apoio para escrever letras cursivas corretamente, começaram a traçar as letras de forma mais organizada e independente. Assim, mostrando que a intervenção pedagógica, o incentivo e o acompanhamento próximo são fundamentais para que as crianças avancem em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Percebemos, ao longo da experiência, que trazer materiais diferentes para o trabalho em sala, como canetas coloridas, despertava maior interesse dos alunos. Esses recursos simples ajudaram a prender a atenção, motivar a participação e tornar as atividades mais atrativas, o que contribuiu de forma positiva para o processo de aprendizagem

Em relação ao comportamento, foram frequentes os episódios em que a professora, junto conosco pibidianas, precisou intervir e chamar a atenção de alguns alunos. Para organizar a ida ao banheiro para lavar as mãos antes do lanche, a professora orientava que a fila de cadeiras da sala fosse chamada em grupos, por exemplo, a fila 1 poderia ir primeiro, seguida pelas outras. Embora os alunos fossem sozinhos, sem nosso acompanhamento direto, era comum que, ao retornarem, um deles relatasse brincadeiras como, “ele me molhou” ou “ele correu no corredor”.

Durante o momento do lanche, também ocorreram situações de brincadeiras inadequadas. Um dia um aluno estava tomando um suco de caixinha, jogou a embalagem no chão e pisou em cima. O comportamento só foi relatado para a professora posteriormente, já que ela não estava no momento. Para lidar com essas atitudes, a professora, e às vezes nós também, deixávamos os alunos alguns minutinhos sem recreio, dependendo do que tinham feito. Isso ajudava para que eles tentassem se comportar melhor nas próximas vezes. Percebemos que, entre os quatro alunos que apresentam mais dificuldade de aprendizagem, dois deles são justamente os que mais “aprontam”, o que pode estar relacionado à dificuldade de manter o foco e seguir as regras. Nas semanas que se seguiram fomos percebendo que para manter as regras em sala, não é tão simples como achávamos que seria, pois os alunos têm dificuldades em seguir as regras propostas pela professora.

Ao longo desses últimos meses, percebemos que o comportamento dos alunos está melhorando aos poucos. No refeitório, por exemplo, eles têm se organizado melhor e seguido as regras, diferente do começo do ano, quando eram mais bagunceiros e desatentos. Essa evolução demonstra que, assim como no aprendizado, o desenvolvimento do comportamento também requer tempo, orientação e acompanhamento constantes.

Essas vivências reforçam que o processo de alfabetização é feito de avanços graduais e que, com apoio adequado, os alunos são capazes de evoluir e ganhar mais confiança em suas





atividades. O incentivo contínuo e o acompanhamento próximo fazem toda a diferença para que não desistam diante das dificuldades, e sim avancem, passo a passo, em sua trajetória de aprendizagem. Começamos também a ler com eles para assim podermos auxiliá-los na leitura que irá ajudar muito na forma como eles irão escrever, fazendo com que tenham prazer em ler um livro, não só pelas figuras bonitas, mas pelo conteúdo. Talvez, com um pouco de insistência, começam a levar os momentos de leitura também para ler em casa, o que é importante para o desenvolvimento dos alunos.

Vivenciar momentos como esses tem sido fundamental para a nossa formação. O contato direto com os alunos, a observação das suas reações diante das propostas pedagógicas e a possibilidade de refletir sobre o que funciona ou não em sala de aula.

Estar presente no cotidiano escolar como pibidianas tem sido uma oportunidade valiosa de aprendizado prático, troca de saberes e construção de experiências que levaremos por toda a vida profissional. O nosso objetivo como pibidianas é levar para a sala de aula uma nova forma de aprendizagem, onde junto com as professoras podemos ajudar com a alfabetização dos alunos com mais dificuldades. Estamos cientes de que, como alunas, também estamos aprendendo como superar esses desafios, pois todas nós temos muito que aprender. O que mais nos motiva é perceber que, mesmo com as dificuldades e desafios que temos em relação ao ensinar, cada palavra que nossos alunos aprendem é muito importante. Assim, cada vez mais, buscamos métodos para ensinar com qualidade.

Temos muito o que aprender ainda, mas com a certeza que vamos sempre dar o nosso melhor para que cada aluno no final do ano letivo tenha orgulho de poder ler e escrever bem. O nosso papel como futuros educadores é sempre estarmos pensando em definir o melhor método de ensinar e ajudar as crianças.

A alfabetização é um trabalho coletivo e contínuo. Com sensibilidade, criatividade e compromisso, é possível fazer com que todas as crianças aprendam a ler e escrever, mesmo em contextos desafiadores. Por isso precisamos da ajuda de todos, não só dos professores, mas a família tem um papel muito importante na alfabetização, incentivando seus filhos a leitura, a contar histórias. Dessa forma, vamos despertando neles o interesse de aprender e de como eles podem usar a sua imaginação. Assim vamos poder ter uma qualidade melhor no ensino para nossos alunos.

A partir desse relato observado em sala de aula, foi possível perceber o quanto um bom convívio entre os colegas contribui positivamente para o processo de alfabetização. Quando os alunos se relacionam bem, o ambiente escolar se torna mais leve, acolhedor e





motivador, o que favorece o interesse pelas atividades, a realização das tarefas e o desenvolvimento da aprendizagem.

Concluimos que um ambiente escolar acessível, acolhedor e transformador pode fazer toda a diferença no processo de alfabetização, contribuindo para o desenvolvimento e o sucesso das crianças no início da vida escolar.

Inspirada nos princípios de Paulo Freire, a prática pedagógica durante o processo de alfabetização foi guiada pelo respeito ao ritmo e às particularidades de cada criança, valorizando sua participação ativa e autonomia. Essa caminhada foi marcada pelo afeto, paciência e pela confiança no potencial de cada aluno, reafirmando que a alfabetização é uma etapa fundamental e transformadora na vida escolar.

A escola, como espaço de aprendizagem, é desafiada a repensar suas atividades e formas de ensinar para garantir que todas as crianças tenham a oportunidade de aprender com qualidade e desenvolver suas habilidades.

Essa jornada está sendo muito mais do que um processo de aprendizagem, é uma troca rica de afeto, dedicação e aprendizado mútuo, que deixa marcas profundas em todos os envolvidos. Reafirmamos, com gratidão, o compromisso de lutar por uma educação que valorize e respeite a singularidade de cada indivíduo, reconhecendo que, com acolhimento e amor, é possível transformar realidades e abrir caminhos para o futuro.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA - RS. **Democracia - RS com queda na alfabetização.** YouTube, 6 ago. 2025, (57min 50s). Disponível em: <https://youtu.be/BPEaUHwH3-k?si=8s7kKGThMl67TsPw>. Acesso em: 10 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **58% dos municípios melhoraram alfabetização:** Indicador nacional de alfabetização subiu de 56% para 59,2% na última medição, referente a 2024. A melhora também aconteceu nos estados: 18 UFs apresentaram avanços nos resultados da alfabetização dos estudantes. Brasília, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/julho/58-dos-municipios-melhoraram-alfabetizacao>. Acesso em: 18 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. **Teorias da aprendizagem:** um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico. 3. ed. Curitiba, PR: Intersaberes, 2018. 356 p. (Série Construção histórica da educação).





OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais:** reflexões para a formação docente. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo, SP: Contexto, 2020.

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. (Coleção Educação Crítica).

VIGOTSKY, L. S.; COLE, Michael et al. (org.). **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

